

Personagens em trânsito: a imigração no conto “;Gua!”, de Luiz Ruffato

Characters in transit: immigration in the short story “;Gua!”, by Luiz Ruffato

Luana Coelho¹

Resumo: Partindo dos pressupostos sobre mobilidade (Bernd, 2010), errância (Godet-Olivieri, 2010) e a figura do estrangeiro (Capaverde, 2007) e do imigrante (Sayad, 1998), o presente trabalho visa analisar as relações de personagens em trânsito no conto “;Gua!”, de Luiz Ruffato, publicado na coletânea *A cidade dorme*, de 2018, que reúne vinte narrativas. Com enredo que enfoca uma protagonista imigrante boliviana, que circula vendendo guarda-chuvas nas ruas de São Paulo, passando por outros trabalhos informais, o conto tensiona o encontro da jovem com outros em semelhante situação, pessoas fora de seu local de origem. Ademais, com auxílio de estudos sobre o conto contemporâneo, com autores como Schollhammer (2007; 2012) e Coelho e Figueiredo (2023), infere-se como a narrativa hodierna abarca as questões acerca da imigração, vivência cidadina, trabalho e mobilidades na literatura brasileira, evidenciado na narrativa de Luiz Ruffato por aspectos como a polifonia de discursos, simultaneidade e velocidade presentes na grande São Paulo.

Palavras-chave: Conto; Contemporaneidade; Mobilidades; Imigrante; “;Gua!”, de Luiz Ruffato.

Abstract: Based on assumptions about mobility (Bernd, 2010), wandering (Godet-Olivieri, 2010), and the figure of the foreigner (Capaverde, 2007) and the immigrant (Sayad, 1998), this work aims to analyze the relationships of characters in transit in the short story “;Gua!”, by Luiz Ruffato, published in the anthology *A cidade dorme*, 2018, which brings together twenty narratives. With a plot focusing on a Bolivian immigrant protagonist who wanders the streets of São Paulo selling umbrellas and engaging in other informal jobs, the story explores the tension between the young woman and others in similar situations, people outside their place of origin. Furthermore, with the aid of studies on the contemporary short story, with authors such as Schollhammer (2007; 2012) and Coelho and Figueiredo (2023), it can be inferred how contemporary narrative encompasses issues concerning immigration, urban life, work, and mobility in Brazilian literature, evidenced in Luiz Ruffato's narrative by aspects such as the polyphony of discourses, simultaneity, and speed present in greater São Paulo.

Keywords: Short story; Contemporary; Mobilities; Immigrant. “;Gua!”, by Luiz Ruffato.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela Universidade Federal do Pará.

1 Introdução

Conceitos como mobilidades, errância e a figura do estrangeiro emergem na criação literária contemporânea, personificados principalmente na imagem no imigrante, segundo o estudo de Godet-Olivieri (2010, p. 198):

No Brasil, a partir dos anos 80, a reflexão sobre as afiliações identitárias amplia-se significativamente para a temática das migrações, integrando, aos componentes anteriores considerados como matrizes da formação da sociedade brasileira, a figura do imigrante como representação inovadora dos deslocamentos e passagens culturais mais recentes. No atual contexto das trocas culturais, o enfoque difere das figurações do imigrante na literatura do final do século XIX e da primeira metade do século XX.

Todavia, as discussões acerca da temática da migração são antigas, apenas assumindo novas roupagens, “para além das contingências geopolíticas, novos fundamentos éticos e estéticos (como a instabilidade enunciativa) participam da constituição de um novo sujeito. Surge, então, uma outra ética da subjetividade fundada na migrância e não na estabilidade do eu” (Godet-Olivieri, 2010, p. 192). Aqui se destacam dois importantes termos para compreender as relações migratórias na literatura: errância e estrangeiro. Sobre o primeiro conceito, de acordo com Godet-Olivieri (2010, p. 189), percebe-se que

as múltiplas faces da errância na literatura foram moldadas pelo mito e pela história através do tempo. Desde a narrativa bíblica que evoca o êxodo de um povo em busca da terra prometida, ao poema homérico que narra as aventuras de Ulisses – figura paradigmática do personagem errante – na viagem de retorno à Itaca, passando pela loucura a um só tempo grotesca e lúcida de um Dom Quixote – ser descentrado em guerra contra o mundo, enquanto percorre as estradas na Mancha em busca de sua Dulcineia – as figuras da errância exploram diversos aspectos, mas têm em comum a ideia de deslocamento físico ou mental, voluntário ou involuntário.

Nesse sentido, a errância mostra-se ambivalente: por uma perspectiva a imagem positiva de uma aventura, de descoberta, a busca por si e por outros ao redor; e, por outra visão, a imagem negativa, como “desenraizamento involuntário, enfocando a violência das travessias impostas de territórios, representadas pelas figuras do imigrante, do refugiado, do exilado, do marginal, errantes excluídos” (Godet-Olivieri, 2010, p. 189).

Já o estrangeiro, de acordo com Capaverde (2007, p. 249), “é o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte”. De acordo com a autora, a figura do estrangeiro está presente desde a expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden, passando pelo papel de rival, como na imagem do bárbaro. Na contemporaneidade, a aceitação ou não da figura do estrangeiro pode

se manifestar através de preconceitos, como o racismo e a xenofobia. Contudo, como ressalta a autora, “a realidade dos países colonizados promove outras relações entre o autóctone e o estrangeiro, muitas vezes confundindo papéis e ressemantizando os mitos construídos, como é possível observar no contexto da América Latina” (Capaverde, 2007, p. 249).

Em um primeiro momento, a figura do estrangeiro na literatura da América Latina ocupa o lugar do outro que merece valorização, com personagens atrelados às inovações e descobertas científicas e tecnológicas; no período do movimento modernista ocorre o apoio à antropofagia, sendo “uma forma de incorporar o outro, dando-lhe novos significados e papéis” (Capaverde, 2007, p. 250).

Desse modo, os caminhos feitos por figuras errantes e estrangeiras estão mergulhados em abordagens literárias que contemplem a alteridade e a hibridação; o que culmina em outra categoria determinante: as mobilidades. Segundo Bernd (2010, p. 13): “a consulta aos dicionários aponta para definições ambivalentes do termo mobilidade: por um lado remete à facilidade de mover-se, de mudar de expressão ou de opinião, de aceitar variações; por outro, remete à inconstância, à instabilidade, à fluidez”.

Buscando definir tipologias de análise, Bernd (2010) cataloga as formas de mobilidades no nível do espaço, tempo, discurso e da linguagem. De maneira mais complexa, divide os tipos de mobilidades em: a) mobilidades memoriais ou intersubjetivas, b) migratórias transculturais, c) transacionais, d) espaciais (do imaginário das metrópoles), e) desviantes.

Partindo dos estudos de Pascal Gin, Bernd atesta a preocupação com “os riscos de que a experiência da mobilidade, tal como compreendida hoje, com suas transações e transformações culturais, seja considerada apenas em sua positividade” (Bernd, 2020, p. 13). Isto é, deve-se levar em consideração o impacto cultural das mobilidades na contemporaneidade, que estão intrinsecamente ligadas às sociedades capitalistas.

Se nas sociedades modernas, “operam-se rupturas, afastando-se da tradição portadora de permanência. Esse tipo de sociedade apreende tudo sob o aspecto do movimento, substituindo, por consequência, a ordem pela desordem” (Bernd, 2010, p. 15), na contemporaneidade “as mutações culturais se produzem de fato sob o impacto conjunto dos fluxos migratórios, das reestruturações políticas, dos novos meios de comunicação e das novas tecnologias, dos fluxos de capitais e das lógicas mercantis que marcam o mundo contemporâneo” (Moser, 2004, p. 26 *apud* Bernd, 2010, p. 14).

Nesse ponto, evidencia-se que a ideia de contemporâneo é intrínseca à urgência da intempestividade, visto que “pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente

contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentindo, inatural” (Agamben, 2009, p. 58). Desse modo, compreende-se que os escritores que estão alinhados plenamente ao seu período, não podem enxergá-la pelo viés contemporâneo, que assimila seu tempo justamente “[...] para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62). Com isso, é inerente à literatura a absorção de problemáticas que acometem os indivíduos, posto que ao mesmo tempo em que se enxerga as mazelas de determinado período, sabe-se que não é possível a dissociação, “[...] sabe que não pode fugir ao seu tempo. A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (Agamben, 2009, p. 59).

Voltando às mobilidades, Godet-Olivieri (2010) relaciona-as com o conceito de deslocamento e migrância, com base no trabalho de Pierre Ouellet, que

[...] desenvolve o conceito de migrância buscando dar conta das mutações da subjetividade no contexto das nossas sociedades pós-coloniais, no qual, por razões diversas, políticas, econômicas, culturais ou outras, o ser humano vive em deslocamento. Deslocado, desabrigado, o homem não possui mais um lugar onde possa se sentir em casa (*chez lui*). A migrância não diz respeito apenas à travessia física de territórios. A esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância, o deslocamento do “Sentido do Ser” (“*du Sens de l’Être*”) (Godet-Olivieri, 2010, p. 192).

Nesse sentido, a própria criação literária é envolvida pelas mobilidades, visto que as influências e escolhas dos autores é um movimento que não se limita “[...] aos escritores e pensadores que os antecederam no âmbito de um território cultural dado, mas aqueles de culturas distantes, extrapolando fronteiras e rompendo paradigmas” (Bernd, 2010, p. 12). Como se pode notar no vasto trabalho de Luiz Ruffato, que herda tanto características da geração modernista, quanto de autores estrangeiros, como o irlandês Laurence Sterne, tal qual ressalta Schollhammer (2007) sobre a escrita ruffatiana:

Ruffato responde ao desafio de procurar uma linguagem capaz de expressar a metrópole moderna e inscreve-se assim nas experiências da vanguarda modernista lançado mão de técnicas futuristas, dadaístas, expressionistas, cubistas e surrealistas, como a montagem, a polifonia, a colagem, as enumerações, os experimentos sinestésicos e outras técnicas que visam dar corpo à cidade como o espaço da simultaneidade de tempos históricos diferentes (Schollhammer, 2007, p. 71).

Desse modo, partindo do breve contexto e conceituações elucidados, o presente trabalho visa analisar o conto “¡Gua!”, de Luiz Ruffato, inserido na coletânea *A cidade dorme*, publicado em 2018. O livro reúne vinte histórias, escritas ao longo de quase duas décadas, muitas que se cruzam com o romance de estreia de Ruffato, *Eles eram muitos cavalos* (2001); ambos

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 29, jan-jun, p. 119-131, 2026 - 1ª edição

marcados pela geografia da metrópole de São Paulo, apresentando escrita fragmentada e a velocidade e simultaneidade da experiência citadina:

Os contos de *A cidade dorme* (2018) traçam um caminho repleto de sonhos, desilusões, conflitos que rodam a Cidade: eles vêm desde Cataguases, município de Minas Gerais onde nasceu Luiz Ruffato, passam por memórias de infância, histórias sobre futebol, marcas da ditadura e violência, até finalmente chegar na grande Cidade atual. Os personagens são pessoas comuns e, por vezes, esquecidas: crianças, o trabalhador informal, um andarilho, a prostituta, o imigrante; os indivíduos que vivem na e em torno da Cidade - espaço tão conturbado e aglutinador de todas essas figuras da exclusão social (Coelho; Figueiredo, 2023, p. 114-5).

O conto “¡Gua!” retrata uma imigrante boliviana, que entre trabalhos informais no centro de São Paulo, vende guarda-chuvas. Nesse pequeno enfoque da vida da jovem, seu caminho se cruza com outros imigrantes e pessoas à margem da sociedade, que vivem praticamente invisíveis perante o fluxo intenso na grande cidade. Em uma entrevista para o site *Blog da Companhia*, em 2018, Ruffato explicou sua visão acerca do conto: “Pega os bolivianos em São Paulo, por exemplo. Estão lá há muitos anos e ninguém fala dos bolivianos. E tem um conto, ¡Gua!, que fala de uma menina boliviana. Não falo disso porque é pra fazer, falo porque eu vejo, tenho olhos e vejo. Escolho e vejo esses aspectos da sociedade” (Ruffato, 2018, n/p). A reflexão do autor condiz com que Schollhammer relata sobre a construção das narrativas de *Eles eram muitos cavalos* (2001),

[...] a partir de caminhadas nas ruas de São Paulo durante as quais colecionava e anotava tudo o que encontrava — textos diversos, publicidades, santinhos, cardápios, falas, anúncios eróticos, advertências e imagens. Quando chegava em casa era só converter essa coleção de fragmentos e índices em texto, mantendo a estrutura caótica e fragmentada e inconclusa dentro de uma escrita criativa que tende a ser uma precipitação do real, um coágulo insolúvel de realidade dentro da representação simbólica (Schollhammer, 2012, p. 142).

Portanto, as reflexões seguintes partem das relações entre os conceitos de mobilidades, errância e estrangeiro no conto contemporâneo brasileiro perante o movimento imigratório que ocorre em “¡Gua!”.

2 O movimento imigratório em “¡Gua!”

O conto “¡Gua!” inicia com uma jovem, não nomeada, vendendo guarda-chuvas próximo ao grande fluxo do trânsito, em plena época natalina. A escrita da narrativa mistura o discurso direto e indireto, a língua portuguesa e espanhola, recursos como o negrito e itálico, a

fala do narrador e da personagem, além da percepção do caos que ocorre ao redor, sempre retornando para a fala da garota que chama a atenção para a chuva que irá cair:

¡Mire la lluvia!, ¡Mire la lluvia!, a voz trémula abafada pelos motores dos carros, pelo alarido dos transeuntes – um pinheiro caminha apressado em direção a um ônibus –, suor escorrendo no rosto, **¡Mire la lluvia!, ¡Mire la lluvia!**, a mão esquerda esgrime um enorme guarda-chuva preto, Made in China, outros espalhados sobre a banca, resguardada do sol do início da parte pela marquise de uma loja de discos, **¡Señora!, ¡Señora!, ¡Mire!, ¡Mire!** (Ruffato, 2018, p. 61).

Ao se passar na véspera do Natal, a fraternidade e serenidade associada ao mês de dezembro é contraposta na narrativa pela falta de paciência dos condutores no trânsito, nas buzinas irritadas, no destaque de como a protagonista se encontra imperceptível imersa naquela multidão: “A indinha – sem sutiã, os pequenos seios duram a malha fina – às vezes incomodava-se com a algazarra, sentia-se sufocada pela gasolina queimada, humilhada com os olhares opacos que a tornavam invisível, com a sua falta de sorte” (Ruffato, 2018, p. 61).

Cansada daquele cenário, a jovem pensa no Natal, em sair livremente pelas ruas da cidade para admirar as decorações, longe da realidade cercada por aqueles que “[...] non son mujeres, ni hombres, sino animales, animales, ¿comprendes?” (Ruffato, 2018, p. 61-62). Essa simultaneidade de ângulos que envolve o conto, atravessada constantemente pela polifonia, demarca o “anseio por focalizar nas narrativas atuais personas que estão à beira da sociedade e que são constantemente engolidas” (Coelho; Figueiredo, 2023, p. 116).

Percebe-se na fala da protagonista seu incômodo com as pessoas ao redor, que a ignoraram, o que leva a refletir que a jovem na narrativa “[...] vive a estrangeiridade geográfica, pois não é brasileir[a] e aqui tenta se instalar e desenvolver-se profissionalmente. Os parâmetros com que observa e critica a realidade que encontra são estrangeiros ao local” (Capaverde, 2007, p. 253).

Em determinado momento se tem um vislumbre da passagem da protagonista para outro trabalho: exaustivas horas (entre catorze e dezesseis) manuseando “uma máquina-de-costura industrial nos fundos de um galpão no Bom Retiro” (Ruffato, 2018, p. 62), em uma demanda que a deixava com as “pernas anestesiadas, cabeça leve, prestes a desmaiar, como no soroche” (Ruffato, 2016, p. 62). Relevante destacar que o bairro do Bom Retiro, em São Paulo, é repleto de lojas de roupas e tecidos, conhecido por ser um local com grande fluxo de imigração coreana.

Tal qual é citado no conto, ao relatar que a mulher que comandava o galpão de confecções era uma coreana, que supervisionava os trabalhos andando pelo local chamando atenção, batendo palmas, “[...] ameaça, grita, Pálí! Pálí!, não entendia uma palavra, mas

conhecia de cor aquela expressão de ódio que se nutre por quem se despreza” (Ruffato, 2018, p. 62). Essa passagem marca um contraponto interessante: ambas são imigrantes, mas em posições opostas, nas relações de poder entre empregador e empregado. Nesse sentido, pensa-se sobre a construção da identidade cultural, que em países latino-americanos “foi engendrada sob o olhar estrangeiro, pois as primeiras criações e registros foram produzidos pelo colonizador” (Capaverde, 2007, p. 249).

Portanto, desde a colonização até o contexto hodierno, “as definições com relação aos limites e interpretações que se possam dar àquele de outro lugar sofreram muitas mudanças, sendo possível observar este processo segundo a criação literária que reflete a transformação que a figura do estrangeiro sofre no imaginário local” (Capaverde, 2007, p. 249). Desse modo, somente na literatura contemporânea a imagem do estrangeiro é vista como forma de transculturação, “já que o entendimento do estrangeiro como um outro rico em conteúdo para diálogos e trocas, livre das oposições antagônicas, só será possível com a desconstrução do conceito de nação e fronteira geográfica em termos culturais” (Capaverde, 2007, p. 250).

Em outro momento da narrativa de Ruffato, surge a menção a um rapaz, provavelmente também imigrante, que faz parte de um grupo de trabalhadores que teve os documentos retidos pelo patrão, que a protagonista conhecera “[...] comprando camisas para revender no centro da cidade, as araras abarrotando a Kombi amarela” (Ruffato, 2018, p. 62). Descobre-se, então, que a jovem está há quatro dias nas ruas tentando vender sua mercadoria, que apenas uma idosa comprou, desconhecendo-se se por pena ou simpatia: “levava el paraguas, tentou puxar assunto, agradecida, mas não conseguia falar português, entendia mal e mal” (Ruffato, 2018, p. 62).

Finalmente, a chuva cai, e a menina, que antes passava despercebida, começa a ser cercada pelos transeuntes, em busca de um guarda-chuva:

¡Senõr!, “¡Senõr!, “¡Mire!, “¡Mire! De repente, gotas espelhadas coloriram o asfalto quente, e as pessoas buscaram refúgio, um terno-gravata aproximou-se e, sem discutir preço, carregou um guarda-chuva, e vieram outros e outras, uma moça vestindo um tailleur preto, sapatos de salto alto, uma barba ruiva, duas garotas piercing-e-tatuagem (Ruffato, 2018, p. 62).

Percebe-se no trecho supracitado como as pessoas, tal qual a protagonista, são identificadas pelo que estão vestindo ou por suas características físicas. São pessoas que vão e vem no centro da cidade, sem serem vistas ou representadas em profundidade sobre quem são ou quais os seus nomes. Todas diferentes, mas ao mesmo tempo iguais na simultaneidade do cotidiano citadino, como a protagonista do conto, que sem nome, é a imigrante que se desdobra em serviços exaustivos, para se sustentar.

Com a chuva e, conseqüentemente, o início da venda de seu produto, a jovem parece se animar, pela primeira vez na narrativa: “[...] suas mãos encheram-se de notas, novas e amarrotadas, e seu pequeno corpo andino abriu-se num sorriso largo, sua pele de bronze arrepiou-se na umidade, vontade de molhar a cabeça na sagrada água que desabava do céu de chumbo” (Ruffato, 2018, p. 62).

Encaminhando-se para o fim do conto, há um outro encontro simbólico: a protagonista e um homem vestido de Papai Noel, com a “roupa vermelha respingada, almoçando uma quentinha, pensamentos sobrenadando na enxurrada empoçada na boca-de-lobo entupida” (Ruffato, 2018, p. 62-63). Em seguida, comentando sobre a chuva, o homem diz “Ah, de chovesse assim na minha terra...” (Ruffato, 2018, p. 62), no que a garota lamenta “*Mi terra... Mi terra es nada ahora*” (Ruffato, 2018, p. 62).

Infere-se aqui que homem também é uma espécie de imigrante, saído provavelmente de uma região de seca para o estado de São Paulo, e a menina, que veio de outro país para o Brasil, teve sua terra devastada, sem mais detalhes. A lembrança que ambos têm de sua origem, de seus laços afetivos com a terra e com a invisibilidade na metrópole, onde eles são mais uma mão de obra do trabalho informal, remete ao pensamento de Pierre Ouellet sobre a instabilidade que assola o sujeito contemporâneo, constatando que “[...] a estabilidade entre os indivíduos é cada vez menor, já que eles se encontram em constantes deslocamentos, sentindo-se ‘desalojados em toda parte’” (Bernd, 2010, p. 16). Como evidencia Sayad (1998, p. 45) sobre a ambivalência migratória:

A imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento do provisoriado

Entre as diferenças e igualdades, ambos os personagens se encontravam ali na narrativa, a garota com seus guarda-chuvas, e o homem vestido de Papai Noel, com seu gorro, carregando uma placa com a propaganda “Os melhores preços de importados da praça! Confira” (Ruffato, 2018, p. 63). A assertiva de Capaverde (2007), ao analisar personagens em migrâncias, parece encontrar espaço aqui, visto que no “[...] fruto do embate entre a alteridade e identidade, isto é, o contraste entre o mesmo e o outro, entre as diferenças e as semelhanças, gera[-se] um sentimento de ser, de alguma forma, sempre estrangeiro” (Capaverde, 2007, p. 252).

Luiz Ruffato conta que a ideia sobre a representação do personagem surgiu de uma conversa cotidiana: “Uma amiga falou pra mim que nunca tinha pensado num Papel Noel comendo no intervalo de trabalho e eu fiquei pensando que aquele cara é humano, aquilo é

trabalho” (Ruffato, 2018, n/p). E assim ele é visto na narrativa: comendo uma quentinha no intervalo do serviço, entrando “[...] no McDonald’s. Ao retornar, após jogar a embalagem de alumínio no lixo e usar o banheiro para urinar e fazer um bochecho, a chuva havia cessado” (Ruffato, 2018, p. 63).

O personagem que surge no final acaba por ser o único realmente empático, que enxerga a protagonista, tenta conversar com ela, apesar de não compreender espanhol, a surpreendendo pelo singelo gesto de lhe desejar feliz Natal:

Antes de atravessar a faixa de pedestres, buscou a moça e, simpático, gritou, **Feliz Natal pra você, menina, feliz Natal!** Ela, que arrumava os guarda-chuvas restantes, parou, acenou desajeitada e por um momento acompanhou, estática, o homem gordo perder-se em meio à multidão nervosa. Suspirou. **¡Señora!, mire la lluvia!, ¡senõra!, mire la lluvia!** (Ruffato, 2018, p. 63).

Dentre as formas que podem ocorrer as mobilidades em uma narrativa, segundo exposto por Bernd (2010), destaca-se aqui a mobilidade no espaço e no nível do discurso. Apesar da autora expor que a mobilidade de espaço diz respeito às “viagens, deambulações, deslocamentos, *flâneries*” (Bernd, 2010, p. 12), essas características não estão explícitas no conto de Ruffato, visto que a narrativa curta é centrada em um momento específico, apenas inferindo que a menina, por ser imigrante, já se desterritorializou. Porém, os personagens estão imersos em deslocamentos o tempo todo, seja em um passado imigrante, ou nos transeuntes que circulam no espaço citadino, conforme discorre Sá (2007, p. 94) sobre as narrativas ruffatianas:

A ideia da cidade, da sua enormidade, é dada pela multiplicação de histórias individuais - histórias diferentes que podem potencialmente se multiplicar ao infinito, como a própria cidade. [...] A cidade não é internalizada pelo drama de um indivíduo, mas pelos pequenos dramas de muitos indivíduos. É fragmentária precisamente porque aponta para a multiplicidade de si mesma.

A característica da escrita fragmentada dialoga diretamente com a mobilidade no nível do discurso descrita por Bernd (2010, p. 12) como “mudanças de vozes narrativas, múltiplos enunciadores que transferem a posição de enunciadore de um sujeito a outro”. Essa característica é perceptível na narrativa de Ruffato ao entrelaçar os discursos direto e indireto, as vozes do narrador e da protagonista, que por diversos momentos tem seus pensamentos expressos em negrito ou itálico, sem o clássico travessão ou elemento mais formal: “*Sí, ¡animales!*, silêncio, nada de olhares vizinhos, nada de cicios, nada de nada, ¡Nada! Berram os ponguitos amontoados pelos cantos, envolvidos em ponchos e retalhos” (Ruffato, 2018, p. 62).

No que diz respeito às tipologias, destacam-se as “mobilidades migratórias transculturais” e as “mobilidades espaciais (do imaginário das metrópoles)”. No primeiro caso, que corresponde a categorias como “Deriva, Deslocamento, Des(re)territorialização, Diáspora, Errância/migrância, Nomadismo, Percurso e Transnação” (Bernd, 2010, p. 18), leva a um tipo de mobilidade que

implica as várias possibilidades de deslocamento em que comunicações étnicas são compelidas ao trânsito, aos processos muitas vezes traumáticos de emigração/imigração, tendo por consequência efeitos – que podem ser brutais – de desterritorialização. Essa migração pode se dar no interior de uma comunidade dada, empurrando para a marginalização (criminalidade, tráfico, favelas, etc) (Bernd, 2010, p. 18).

Apesar dos personagens de “¡Gua!” não estarem em uma marginalização ligada a violência criminal, estão atrelados a um movimento migratório que leva os sujeitos a uma violência social, da marginalização de servir de mão-de-obra, trabalhar demasiadas horas, em troca de pouco sustento em um lugar que não é seu de origem, enfrentando até mesmo as dificuldades linguísticas, que os distancia dos demais. Como ressalta Bernd (2010, p. 19), “[...] em sociedades com características socioeconômicas tão distintas, se verificam consequências nefastas análogas ao modo de funcionamento capitalista das sociedades contemporâneas”. Nessa dinâmica social, destaca-se que o “imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (Sayad, 1998, p. 54). Desse modo,

[...] a sociedade de imigração [...] consente em tratá-lo, ao menos enquanto encontra nisso algum interesse, como se esse provisório pudesse ser definitivo ou pudesse se prolongar de maneira indeterminada. Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão-de-obra imigrante permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração (Sayad, 1998, p. 46-7).

Já as “mobilidades espaciais (do imaginário das metrópoles)”, correspondem às “Circulações urbanas e *Flânerie*”. Situa-se o deslocamento no espaço nas “[...] circulações urbanas, apontando as transformações porque passam todos aqueles que transitam pelas grandes cidades [...], e do *flâneur*, figuração privilegiada do deslocamento” (Bernd, 2010, p. 22). Sobre a figura do *flâneur*, tão popular nos estudos de Walter Benjamin, define-se como “um nômade pós-moderno, figura necessária à decodificação das metrópoles contemporâneas, em cujas ruas e avenidas é preciso reaprender a perder-se e a perder seu tempo no meio da multidão, condição indispensável para ver o belo caos das grandes cidades” (Robin, 2009 *apud* Bernd, 2010, p. 22).

A jovem boliviana, a coreana supervisora do galpão de costura, o rapaz revendedor de roupas, o homem vestido de Papai Noel: todos constroem uma conjuntura de migrações, que

“[...] na situação de exilados ou de migrantes, não encontraram ainda o lugar de pertencimento e de reconstrução identitária” (Bernd, 2010, p. 14). Ademais, todos os personagens, em algum nível, servem de mão-de-obra, como ressalta Sayad (1998, p. 55): “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante”.

Essa dinâmica migratória centrada em São Paulo, encontrada na narrativa de Ruffato, condiz com os dados obtidos pelo Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao verificar sobre a migração e formação populacional do estado de São Paulo, segundo dados obtidos pelo Sistema Estadual de Análise de Dados de São Paulo (Seade):

Em 2022 havia 44,4 milhões de residentes no território paulista. Segundo o Seade, 79,7% eram naturais da região, 11,3% do Nordeste, 4,4% de outras áreas do Sudeste e 3,7% dos demais Estados brasileiros. Em relação aos estrangeiros, 0,8% de nascidos fora do País contabilizaram a população total. As mulheres predominaram em todos os grupos de naturalidade, exceto entre os estrangeiros (Lopes, 2025, n/p).

Essa parte da população, tanto na realidade, quanto na ficção, passa por um processo de deslocamento e perdas, posto que “aquele que parte não é nunca o mesmo: na travessia há perdas, reterritorializações e transfigurações” (Capaverde, 2007, p. 252). Ao falar de migrâncias, não há “[...] apenas no sentido geocultural, associadas ao deslocamento físico, à passagem de um território a outro, mas de um deslocamento de natureza ontológica e simbólica, ou seja, deslocamento do sentido e do ser na experiência da alteridade” (Bernd, 2010, p. 16).

3 Considerações finais

Ao analisar o conto *¡Gua!*, de Luiz Ruffato, levou-se em consideração a importância de se contextualizar o impacto cultural das mobilidades, errância e a figura do estrangeiro no sentido hodierno, visto que a sociedade contemporânea e capitalista aglutina esses sujeitos em migrâncias.

As figuras da errância podem experienciar diferentes perspectivas, porém possuem em comum a ideia do deslocamento, seja positivo ou negativo, físico ou mental, voluntário ou involuntário. Partindo dessa perspectiva, os personagens do conto de Ruffato emergem como imigrantes que percorrem caminhos de deslocamento que o levam ao trabalho informal, à marginalização, às lembranças saudosas de sua terra de origem.

Para além do temático, a estilística do texto também evidencia a dinâmica tumultuosa que esses indivíduos se encontram, tais como a polifonia dos discursos, o intercalar das reflexões da protagonista com a fala do narrador, a garota na rua buscando vender sua mercadoria sendo marcada pelo som das buzinas dos carros parados próximo a ela, no caótico trânsito de São Paulo.

Infere-se, sobretudo, que esse cenário migratório demonstra que o deslocamento faz com que esses sujeitos se tornem apenas mais um no grande caleidoscópio que é a vivência e a experiência citadina marcada pelo caos, simultaneidade e fragmentação das relações.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BERND, Zilá. Introdução. In: BERND, Zilá et al. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 11-24.
- CAPAVERDE, Tatiana da Silva. Estrangeiro. In: BERND, Zilá (org). *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*: DFMLA. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 249-255.
- COELHO, Luana da Silva; FIGUEIREDO, Elielson. Os caminhos pelo conto: uma análise de *A cidade dorme*, de Luiz Ruffato. *RE-UNIR - Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia*, Porto Velho, v. 10, n. 1, p. 114-129, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/7468>. Acesso em: 3 maio. 2026.
- GODET-OLIVIERI, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERND, Zilá et al. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-209.
- LOPES, Isabella. Naturalidade em São Paulo é diversa, com maioria nascida no próprio Estado. *Jornal da USP*. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=941686>. Acesso em 02 maio, 2026.
- SÁ, Lúcia. Dividir, multiplicar, repetir: a São Paulo de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). *Uma cidade em camadas*. Vinhedo: Horizonte, 2007.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Fragmentos do real e do real do fragmento. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). *Uma cidade em camadas*. Vinhedo: Horizonte, 2007.
- SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n. 39, jan/jun. 2012. p. 129-148.

RUFFATO, Luiz. ¡Gua!. In: RUFFATO, Luiz. *A cidade dorme*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 61-63.

RUFFATO, Luiz. Rupturas – Mateus Baldi entrevista Luiz Ruffato. *Blog da Companhia*, 2018. Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br?conteudos/visualizar/Rupturas-Mateus-Baldi-entrevista-Luiz-Ruffato>. Acesso em: 30 abr. 2026.

Recebido: 14/05/2026

Aprovado: 12/07/2026

Publicado: 29/07/2026